

Planos econômicos frustram o país

● *Equipes e diretrizes se sucedem desde 1948 repetindo velhos erros*

Lia Carneiro

SÃO PAULO — Se a produção de planos econômicos fosse incluída nas contas do PIB, o Brasil certamente já estaria sentado à mesa de negociação dos sete *donos* do mundo. Faltam recursos para a pesquisa científica, mas, no campo das ideias econômicas para tirar o país da crise, até os estrangeiros se rendem: o Brasil tem tecnologia de ponta. O começo foi em 1948, no governo Dutra, com o Plano Salte (Saúde, Alimentação, Transporte e Energia). Depois vieram o Plano Trienal, do economista Celso Furtado, o Paeg (Plano de Ação Estratégica Governamental) dos militares de 1964, o Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico I e II, O Plano Cruzado, o Cruzadinho, o Plano Bresser, o Plano Verão e o Plano Collor, com sua segunda versão em fevereiro deste ano. Sem falar naqueles que nunca saíram do papel, como o Plano de Betenização, o Cruzouro e o novíssimo Plano K, em circulação desde a semana passada.

Entra plano, sai plano, entra ministro, sai ministro e a impressão que o brasileiro leigo em economia sente no bolso é de que tudo continua exatamente igual — ou pior. Mais intrigado ainda fica esse cidadão quando, na TV, ele vê o ex-ministro, condutor de um plano que não deu certo, dando palpites no trabalho de seu sucessor. A história, nesse caso, também se repete, sem nenhuma criatividade.

Murilo Menon — 19/7/91



□ “O governo precisava se proibir de editar novas medidas provisórias para acabar com as expectativas e jogar com regras estáveis. Eu gostaria de ter entrado para a História como o ministro que ajudou a estabilizar a economia”, diz o ex-ministro Maílson da Nóbrega, autor da política econômica do feijão com arroz.

No início, o ex-ministro se recusa a dar entrevistas. Mal o novo colega esquentou a cadeira, ele já reassume sua posição de confeccionador de cenários e planos. Como os 140 milhões de técnicos brasileiros, ele sabe todas as falhas da atual seleção e tem um esquema de jogo infalível. Mas por que como o titular da pasta só deu bola na trave, para não falar dos gols contra?

“Eu fiz muita coisa do que eu queria fazer quando estava em Brasília”, defende-se o ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, economista de uma época mais ortodoxa, onde os planos econômicos ainda eram os conservadores PND I e II, cujo objetivo era atingir uma renda *per capita* de US\$ 1.000 e manter a inflação anual na singela casa dos 10%. “E não fiz mais porque a inflação de 40% ao ano impedia.”

Hoje, Simonsen ganha milhares de dólares por palestra e com a autoridade de sua experiência solta uma grande gargalhada antes de não analisar o novo Plano K e garantir que a solução para a crise não passa por mais um mirabolante plano econômico. “O governo precisava se proibir de editar novas medidas provisórias para acabar com as expectativas e jogar com regras estáveis”, resume.

“Quase toda palestra termina com alguém do auditório perguntando com toda a delicadeza por que eu não fiz o que falo hoje”, conta o ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega, autor do Plano Verão. “E eu retruco se essa pes-

soa não imagina o quanto eu gostaria de ter entrado para História como o ministro que ajudou a estabilizar a economia”, diz Maílson, respondendo depois que o que deixou de fazer foi por uma questão de falta de governabilidade. “Quando você está lá, tem de gerenciar uma crise administrando todas as pressões de políticos, governantes, empresários, todos os sócios do processo. E todos querem o impossível.” E mais: “O feijão com arroz não era uma política econômica. Era para administrar a crise e ganhar tempo.”

Vidraça — Maílson confessa que hoje ele se delicia quando vê economistas que fizeram cursos no exterior, cheios de teorias construídas em países com estabilidade econômica, e só entendendo na prática que as condições em que são utilizadas as teorias é que diferem. “A penúltima equipe econômica subestimou tudo. Achavam que só dependia da vontade do Poder Executivo e da vontade de executar uma política econômica”, diz ele, sem o menor peso na consciência de estar atirando pedras na vidraça, quando já foi vidraça.

“Só dói quando se ouve críticas incendiárias. Mas tenho certeza que quando, o Roberto Macedo, por exemplo, sair do governo, não terá mais o mesmo discurso que tinha antes.” Macedo gostava de associar a economia brasileira a um doente em estado terminal e constatar que o feijão com arroz de Maílson só media a febre do pobre paciente.

O ex-ministro da Fazenda Luis Car-

los Bresser Pereira, aquele que foi para televisão explicar com gráficos o arrocho salarial de João e Maria, também não admite as falhas de seu plano econômico. As vezes, porém, ele se trai, como na semana passada, quando a inflação bateu 19,76%, e ele previu mais um inevitável choque. “Um dia alguém vai ter que fazer certo”, deixou escapar Bresser.

“Sei que sou suspeito, mas de todos os grupos que foram lá e tiraram os coelhos da cartola, o nosso plano foi o que fez o menor estrago”, argumenta Yoshiaki Nakano, ex-secretário especial de assuntos econômicos de Bresser. “Agora, a reforma fiscal que ainda não foi feita a gente não fez porque o presidente Sarney não quis.”

Mas se os heterodoxos mais puristas continuam lambendo suas feridas e tecendo que errado era o país e não sua receita, os economistas mais ecléticos, como a ex-ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello, pelo menos ameaçam os primeiros passos da autocrítica. “A equipe não tinha o conhecimento total de como funcionava o esquema”, reconheceu Zélia ao explicar que sua medida de suspender a formação de novos grupos de consórcios para automóveis foi ineficiente na queda-de-braço com as montadoras. Quanto ao confisco dos cruzados, ela garante que faria tudo de novo e também já está deixando claro em suas palestras que não tem saudades da vida de vidraça. “Quando saímos do governo, falaram que a equipe era jovem e inexperiente. Colocaram outras pessoas e vocês estão vendendo no que deu.”

J.C. Brasil — 20/8/91



Françoise Imbroisi — 26/6/91



Pedro Monagati — 3/2/89

□ “A equipe não tinha o conhecimento total de como funcionava o esquema. Quando saímos do governo, falaram que a equipe era jovem e inexperiente. Colocaram outras pessoas e vocês estão vendendo no que deu”, afirma a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, confessando que, hoje, voltaria a fazer o confisco dos cruzados novos.

□ “Fiz muito do que queria fazer quando estava em Brasília e não fiz mais porque a inflação de 40% ao ano impedia”, diz o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. Sua gestão tinha como meta elevar a renda *per capita* para US\$ 1.000 e manter os níveis de inflação na casa dos 10% ao mês.

□ “Um dia alguém vai ter que fazer um choque econômico que dê certo”, torce o ex-ministro Luis Carlos Bresser Pereira, que não admite ter havido falhas no seu plano econômico de 1987, batizado com seu nome. Agora, ele acha que o país está na iminência de sofrer um novo choque econômico.